

# GENTE DE BRASÍLIA

Wilson de Oliveira

IVALDO CAVALCANTE



Professor Zuza, aos 69 anos, é daquelas pessoas que amam a vida incondicionalmente

JOSÉ GONÇALVES ZUZA

## Ele é daqueles professores que a gente nunca esquece

Ele começou a lecionar aos nove anos de idade substituindo as tias em Porto Nacional, ex-Goiás, agora Tocantins, onde nasceu em 1920. Aos 30 anos já era professor universitário em Goiânia e aos 35 decidiu deixar a direção da Faculdade de Ciências Econômicas e a carreira mudando-se para Brasília onde, a convite do engenheiro Bernardo Sayão, criou a primeira escola da nova capital que, àquela época, dezembro de 1956, só tinha uma obra concluída: o Catetinho.

A decisão de deixar uma sólida e promissora posição em Goiânia por uma aventura em pleno cerrado não o surpreendeu, já que desde as primeiras notícias sobre a mudança da capital, seu interesse sobre o assunto foi aumentando. Entre outros, contribuiu para esse entusiasmo o fato de ter sido orador oficial na solenidade em que a Associação Comercial de Goiânia recebeu e homenageou a Comissão de Localização da Nova Capital, chefiada pelo general Poli Coelho. "Por isso, quando Bernardo Sayão me convidou, não hesitei um só momento", recorda.

José Gonçalves Zuza, o "professor Zuza", como é carinhosamente tratado por ex-alunos e por pessoas que o respeitam por sua inteligência, cultura ou pela maneira atenciosa e alegre de tratar a todos, tem uma longa folha de inestimáveis serviços prestados a Brasília e à sua gente como servidor público exemplar e educador consciente.

A Fundação Ginásio Brasília, na antiga "Cidade Livre", nasceu da iniciativa de Bernardo Sayão, preocupado em reter as famílias dando-lhes condições de educar os filhos e ajudar a construir a cidade, do apoio irrestrito das lideranças comunitárias da época, dentre as quais Elio Moreira dos Santos, José Godoy e Antonio de Paula Pontes, o Tônico, do Banco da Lavoura. O ginásio, primeira escola de Brasília, começou a funcionar em março de 1957 com dois mil alunos, sob a direção do professor Zuza.

Mas, o Ginásio Brasília não era apenas um educandário. Todas as manifestações sócio-culturais originavam-se na escola ou para lá convergiam, tornando-se o professor Zuza, por sua condição intelectual e pela posição ocupada, uma espécie de líder comunitário, um ponto de referência cultural naquele imenso canteiro de obras que era Brasília. Foi no Ginásio Brasília, por exemplo, onde se constituiu a Associação de Imprensa de Brasília e o primeiro grupamento do Corpo de Bombeiros, entre outros eventos marcantes da história de Brasília.

A morte de Bernardo Sayão, em 1959, acabou por interromper o trabalho que se fazia no ginásio, uma vez que todo o apoio vinha dele, e a Novacap, por ter ficado fora do processo de criação da escola, não demonstrou

grande interesse em mantê-la. O ginásio foi então transferido, sem ônus, pela comunidade, aos irmãos lassalistas que o mantêm até hoje.

Contratado como estatístico do Departamento Econômico da Novacap, professor Zuza ficou na empresa até abril de 1960, sendo transferido para a então prefeitura do Distrito Federal. Foi assessor de vários prefeitos, primeiro diretor do Tesouro, secretário de Economia e acabou aposentando-se, há uns cinco anos, como auditor da Secretaria de Finanças. Ao todo, são 32 anos como servidor do Distrito Federal, uma vez que ainda hoje trabalha no Buriti como assessor especial do governador Joaquim Roriz.

Amante de Brasília e admirador incondicional de Juscelino Kubitschek, professor Zuza lembra, dentre outros episódios, a incredulidade do então presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, do qual não se recorda o nome, que apostou com a jornalista Talita de Abreu, a Katucha, durante a fase de enchimento do Lago Paranoá, garantindo que as águas não chegariam à cota estabelecida no prazo fixado. Ele comprometeu-se a afogar-se no Lago se isso acontecesse. A jornalista, quando o Lago atingiu a cota na data fixada, mandou-lhe um telegrama, mas o engenheiro não quis cumprir a promessa.

Zuza nunca deixou de lecionar, a não ser muito recentemente. Em 1960 ingressou na Fundação Educacional onde ficou até a criação do Ceub, da qual participou ativamente. Ele é professor licenciado de Estatística e Matemática daquela universidade e entre centenas de seus alunos contam-se figuras de destaque como o ministro Mailson da Nóbrega.

José Gonçalves Zuza tem 69 anos de idade. Nasceu numa família de cinco irmãos, um dos quais já falecido. Seu pai era fiscal de rendas do estado de Goiás e professor primário nas horas vagas. Zuza iniciou os estudos no Seminário São José, de Porto Nacional, e também fez a escola normal, com autorização especial, pois esse curso, antigamente era só para mulheres. Começou a lecionar aos nove anos e aos 20 deixou Porto Nacional indo para Goiânia onde formou-se em Economia, lecionando em escolas particulares, entre as quais o Ateneu D. Bosco, onde ficou muitos anos.

Zuza foi também professor e um dos fundadores da Universidade Católica de Goiás, voltou a estudar, fez Matemática e, recentemente, concluiu o curso de Engenharia Econômica na UDF. Casou-se aos 25 anos em Goiânia com Daisy Maria, também professora, tem cinco filhos e 12 netos. Dos filhos, administrador de empresa, economista, engenheiro civil e jornalista, somente uma, Maria de Fátima, diretora do Jardim de Infância da 308 Sul, seguiu-lhe os passos no magistério.

## Definições de Zuza

**EDUCAÇÃO** — Tem que ser integral, abrangendo todas as virtualidades do ser humano. A máxima latina "Mens sana in corpore sano" deveria ser a base da educação no Brasil, onde a juventude feria que ser educada física, moral e intelectualmente.

**JUVENTUDE** — Convivo com ela desde a minha infância e aprendi que ela não pode ser estigmatizada com valores negativos na época em que vivemos. O jovem sempre foi um inovador, buscando novas posições, novas formas de pensar e agir. Por isso, nós, maduros, não os toleramos às vezes. Lembrando D. Bosco, "se queres ser obedecido procure ser amado". A juventude precisa de amor.

**MODERNISMOS** — A sociedade vive em constante mutação. Seus conceitos, procedimentos não são estáticos e estão em constante evolução. Cabe a todos nós ir acompanhando essas mudanças sem deixar, no entanto, que elas firam nossa personalidade.

**VELHO** — Tem que ser convencido de que o seja sem pessimismos. O fato de um indivíduo ter vivido mais que os

outros não implica que ele seja desgastado. E preciso envelhecer com alegria tendo sempre em mente que a vivência aprimora o conhecimento do mistério que é a vida.

**FILHOS** — Os meus foram criados sem tentativas de correção violenta. Acho que é a abertura, o diálogo entre pais e filhos que evita a agressão, de ambas as partes. Nesse trabalho de educação dos filhos destaco a decidida participação de minha mulher.

**CASAMENTO** — Eu e Daisy estamos casados há 44 anos e o principal ingrediente dessa receita que deu certo é a compreensão dela. A compreensão feminina é fundamental, a meu ver, para o sucesso de um casamento.

**JUSCELINO** — O que mais me admirava era seu espírito humanista. Lembrou-me que numa solenidade na Base Aérea uma mulher maltrapilha, com uma criança no colo, sujou, forçou a entrada e se aproximou dele para pedir alguma coisa. Durante 10 ou 15 minutos em que conversou com a mulher, JK ficou afagando a cabeça da criança, sem qualquer constrangimento, como se fosse seu próprio filho.

## Imagem

"Considero como uma das tarefas mais difíceis falar sobre a pessoa do nosso querido professor Zuza e posso afirmar que qualquer adjetivo por mais lisonjeiro que seja não é capaz de qualificar fielmente a pessoa do nosso querido professor. Trata-se de um cidadão que conseguiu aliar à cultura a beleza de sentimentos, de lealdade, nobreza de caráter e personalidade humana. Não estou usando de qualquer artifício ou desejo de agradar. Outras pessoas que o conhecem, principalmente os veteranos de Brasília podem atestar minhas palavras".

José Aldo Palmeira, jornalista e pioneiro

Falar em professor Zuza é abrir a cortina de um vasto cenário num tempo de 33 anos. O tempo de Brasília, que vai fazer seus 30, ano que vem, mas que é mais velha na memória de muitos. De José Gonçalves Zuza, por exemplo, que aqui, em mando de Israel Pincheiro, de Sayão, abriu o primeiro colégio do Distrito Federal, na então Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante.

Quando aqui chegou em 1958, encontrou o Professor Zuza, sem os cabelos brancos de hoje, mas com a mesma risada franca e aberto, com o mesmo gesto amigável de mãos, saudando a natureza, saudando o mundo, como se tudo estivesse começando a ser criado naquele instante.

Clemente Luz, jornalista e escritor